



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e  
Crítica Literária da PUC-SP**

**nº 23 - dezembro de 2019**

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2019i23p42-56>

**Uma aprendizagem outra: ensaio crítico-criativo<sup>1</sup> de *Uma  
aprendizagem ou o livro dos prazeres*, de Clarice Lispector**

***Another apprenticeship: a critical-creative essay of *An apprenticeship  
or the book of delights* by Clarice Lispector***

*Maruzia Dultra*<sup>\*2</sup>

#### **RESUMO**

Este ensaio se apresenta como uma carta da personagem Loreley, endereçada a Ulisses, professor de Filosofia por quem ela é apaixonada. Como estratégia poética, rearranjamos trechos do livro *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (1970) para constituir a escrita de Lóri como remetente. Portanto, o romance se torna epistolar a partir do presente texto, que realizamos através do “modo intensivo de leitura” da obra, segundo Deleuze (2010), e do modo intensivo de escritura, tanto de Clarice Lispector, quanto da carta que aqui enviamos. Em lugar da interpretação da escrita clariceana, optamos pela experimentação a partir dela, ficcionalizando não só o livro, mas o próprio ato literário. Todo este texto é uma citação adulterada que clama pela narrativa como um “bloco de sensações” (conceito de Deleuze e Guattari), trazendo para o corpo que escreve a voz da protagonista e colocando o leitor no lócus de personagem da trama, o destinatário da epístola.

**PALAVRAS-CHAVE:** Modo intensivo de leitura; Poética da adulteração; Carta; Clarice Lispector

#### **ABSTRACT**

This essay is presented as a letter written by the character Lori and addressed to Ulysses, a philosophy professor with whom she has fallen in love. We have rearranged excerpts of Clarice Lispector's book *An apprenticeship or the book of delights* (1970) as a poetic strategy, in order to constitute the writing of Lori as sender. Thus, the novel becomes epistolary starting from the present text, which we carry out through the

<sup>1</sup> Agradecimentos ao Prof. Dr. Sandro Omellas, pelos títulos que legendam as figuras aqui apresentadas. À Fapesb, pela bolsa concedida para a realização da pesquisa de Doutorado da qual derivou este trabalho.

<sup>2</sup> Universidade Federal da Bahia – UFBA; Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento – Salvador – BA – Brasil – maruziadultra@gmail.com



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e  
Crítica Literária da PUC-SP**

**nº 23 - dezembro de 2019**

“intensive reading mode” of the work, according to Deleuze (2010), and the intensive writing mode of both Clarice Lispector and the letter we are sending here. Instead of interpreting Lispector's writing, we have opted for experimentation from it, by fictionalizing not only the book but also the very literary act. As a whole, this text is an adulterated quote that clamors for the narrative as a “block of sensations” (Deleuze’s and Guatarri’s concept), by bringing to the body that writes the voice of the main character and placing the reader in the locus of character, the recipient of such a letter.

**KEYWORDS:** Intensive reading mode; Poetics of adulteration; Letter; Clarice Lispector

Figura 1 – “Todo livro é uma carta (I)”



Fonte: PIRES, Belmiro. Capa, 1970

\* Carta-envelope para o livro *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*.

Ulisses,  
(ou deveria chamar-lhe de Professor?)

Como se lhe trouxesse uma flor, escrevo num papel algumas palavras para entregar mudamente... Aguardo sem a sua paciência o que preciso aprender. Você já me disse que não é de filosofia que eu estou precisando, se fosse, seria fácil: eu assistiria às suas aulas como ouvinte e você conversaria comigo em outros termos. Então aguardo, enquanto faço de conta que de mim não está, em silêncio alvíssimo, escorrendo sangue escarlate, faço de conta que amo e sou amada, faço de conta que não preciso morrer de saudade, faço de conta que tudo o que tenho não é faz de conta. Suponho, no entanto, que você quer me ensinar a viver sem dor apenas, além de tranquilamente me desejar. É que seu mudo desejo, eu não tolero. Eu, que tanto procuro aprender a vida... para mim,

desejar é um ato secreto e quase religioso, por isso é preciso mostrar alguma coisa modestamente nua. Porém parece não haver nada que esconda a melancolia de meus olhos, mesmo quando pintados: e se eu digo decifra-me, misteriosa que sou, é porque em verdade já toda por você fui devorada, sem qualquer consentimento, antes que eu pudesse reagir a mim mesma, sábio estranho, Ulisses, que no entanto não parece adivinhar que eu quero amor. É como se você tivesse uma resposta para tudo isso e resolvesse não dá-la – de novo descubro que preciso de você, o que me desespera – queria poder continuar a vê-lo, mas sem precisar tão violentamente de você. Por outro lado, me assusta o fato de ser um corpo único, me dá a impressão de que fui cortada de mim própria, eu, que sou tão delicada e forte... Que horror de encontrar na figura exterior os ecos da figura interna: um corpo é menor que o pensamento. E meu descompasso com o mundo chega a ser cômico de tão grande, não tenho um dia a dia, mas sim uma vida a vida. (Me canso muito porque não paro de ser, Ulisses.) mergulhada no interior da carne por uma ternura quente insuportável. Não há senão faltas e ausências. E nem ao menos a vontade. Não há grito. Dor? Nenhuma. Nenhum sinal de lágrimas e nenhum suor. Sal nenhum. Nada escorre. É o cio sem desejo, os cães sem ladrar. Sem nenhuma nuvem de amor que chore. Mas você me disse que uma das coisas que aprendeu é que se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer. Quando grave e tranquilamente revelou que me esperaria, apesar de, eu tive alegria. Você vai esperar por mim, agora o sei. Até que eu aprenda. De algum modo, só por desejá-lo, é como se tocasse no impossível, por isso em tom baixíssimo, audível e humilde eu agradeço. Eu, que não sei o que fazer de mim própria, já nascida, senão isto: aproveitar que estou em carne viva para me conhecer melhor, já que a ferida está aberta. Há uma luminescência. Ela está entre nós, é um grande susto porque pode significar cair no abismo. Tenho medo de cair no abismo, por isso seguro numa de suas mãos, enquanto sua outra mão empurra-me para o abismo. Mas também me fascina... Pensava que a mais premente necessidade de um ser humano era tornar-se um ser humano, porém, Ulisses, eu estava enganada. Há algo de fantástico em tornar-se imperceptível – em lugar de vulcão, ser um risco, um cisco... Minutos ou horas intermináveis? O tempo também tem dessas desmedidas que surpreendem. E, de repente, já está tudo lá: os sete véus caídos, apenas o chão de testemunha. E porque eu sempre te perguntei com ares de quem não se sabe, você sempre ficou no limiar. Eu, que prefiro para a descoberta do que se chama viver essas horas tímidas do vago começo do dia. Eu, que sou mais lunar que solar e com os raios

lunares fico profundamente límpida. Viver na orla da morte e das estrelas é vibração mais intensa do que as veias podem suportar. Tudo isso eu já aprendi através de você. Então o que chamo de morte me atrai tanto que só posso chamar de valoroso o modo como, por solidariedade e pena dos outros, ainda estou presa ao que chamo de vida. Teria sido esperteza minha avançar no tempo, e imperdoável ser mais sabida que os outros. Por isso, apesar da curiosidade intensa que tenho pela morte, eu espero. Espero, assim como você espera por mim e eu espero pela sua espera, já que não tenho a fazer senão dar aulas de manhã no curso primário ou então estar de férias como agora, ler um pouco, comer e dormir, e encontrar-me com você. E esperar. No entanto, há o meu pavor de uma possível intimidade de alma com você. Estou na verdade lutando contra a minha própria vontade intensa de aproximar-me do impossível de outro ser humano? Ah, que não seja mais a dor, e ajudo-lhe aplicando-me depressa em aprender – o quê? No começo, eu só queria de você aprender alguma coisa e me enganei pensando que queria aprender pelo fato de você ser professor de Filosofia. Ao ver que você não tinha a menor intenção de ensinar-me um modo de viver “filosófico” ou “literário”, já era tarde: estava presa a você porque queria e quero ser desejada, sobretudo gosto de ser desejada meio selvagemmente. Já fui desejada por outros homens, mas é novo você querendo-me e esperando com paciência, enquanto diz de si mesmo que está em plena aprendizagem, mas tão além de mim que eu me transformo em ínfimo corpo vazio e doloroso, apenas isso. Entretanto, o que aconteceu na verdade comigo é que, por alguma decisão tão profunda que os motivos me escapam – eu por medo cortei a dor. Só com você aprendi que não se pode cortar a dor – senão se sofre o tempo todo. Sem a dor, fiquei sem nada, perdida no meu próprio mundo e no alheio sem forma de contato. Foi então que você apareceu casualmente na minha vida. Você, que se interessou por mim apenas pelo desejo, parece agora ver como sou inalcançável. E mais: não só inalcançável por você, mas por mim própria e pelo mundo. Por outro lado, há um silêncio que nos une. O que se passa em mim é tão indizível e intransmissível como a voz de um ser humano calado. Por mais intransmissíveis que sejam os humanos, eles sempre tentam se comunicar através de gestos, de gaguejos, de palavras mal ditas e malditas. Somos a noite, Ulisses, a noite tem o silêncio. Tenta-se em vão ler para não o ouvir, inventar um programa, frágil ponte que nos liga ao subitamente improvável dia de amanhã. Como ultrapassar essa paz que nos espreita. Montanhas tão altas que o desespero tem pudor. Os ouvidos se afiam, a cabeça se inclina, o corpo todo escuta: nenhum rumor. Nenhum galo possível. É um silêncio, Ulisses, que não dorme: é insone:

imóvel, mas insone e sem fantasmas. Ele é vazio e sem promessa. Como eu, Ulisses? Se ao menos houvesse vento. Vento é ira, ira é vida. O silêncio é a profunda noite secreta do mundo. Há uma maçonaria do silêncio que consiste em não falar dele e de adorá-lo sem palavras. Cedo se descobre que de você ele nada exige, talvez apenas o seu silêncio. Mas isto os da maçonaria sabem. Então, se há coragem, não se luta mais. Entra-se nele, vai-se nele. Vai-se com ele, nós os únicos fantasmas de uma noite. Que se entre. Depois nunca mais se esquece, Ulisses. Inútil até fugir. Pois quando menos se espera pode-se reconhecê-lo – de repente. Depois de uma palavra dita. Às vezes no próprio coração da palavra se reconhece o Silêncio. Se não há coragem, que não se entre. Que se espere. Eu própria tenho uma espécie de receio de ir, como se pudesse ir longe demais – em que direção? Se é salvação que eu espero de você, isso será pedir tanto e tão grande que você negará? Eu nunca vi ninguém salvar o outro, então temo uma aproximação que só fará desiludir-me na confirmação de que um ser não transpassa o outro como sombras que se trespassam. Não, eu não quero ser eu somente, por ter um eu próprio, quero é a ligação extrema entre mim e a terra friável e perfumada. O que chamo de terra já se tornou o sinônimo de você, Ulisses. É claro que tudo isso não é pensado: é vivido, com uma ou outra rápida passagem de luz de holofote na noite iluminando o céu por um átimo de segundo de pensamento a escuridão. E é bom. “Não entender” é tão vasto que ultrapassa qualquer entender – entender é sempre limitado. Mas não-entender não tem fronteiras e leva ao infinito. Não é um não-entender como um simples de espírito. O bom é ter uma inteligência e não entender. É uma bênção estranha como a de ter loucura sem ser doída. É um desinteresse manso em relação às coisas ditas do intelecto, uma doçura de estupidez. No entanto às vezes adivinho. São manchas cósmicas que substituem entender.

Escrever aliviou-me. Estou de olheiras pela noite não dormida, cansada, mas por um instante – ah como você gostará de saber – feliz. Porque, se não expressei o inexpressível silêncio, falei como um macaco que grunhe e faz gestos incongruentes, transmitindo não se sabe o quê. Eu sou. O quê? Mas eu sou. Disse pouco, mas você, pela atenção que me dará, terá ouvido além do que lhe contei.

Com afeto,

Lóri  


Figura 2 – “Todo livro é uma carta (II)”



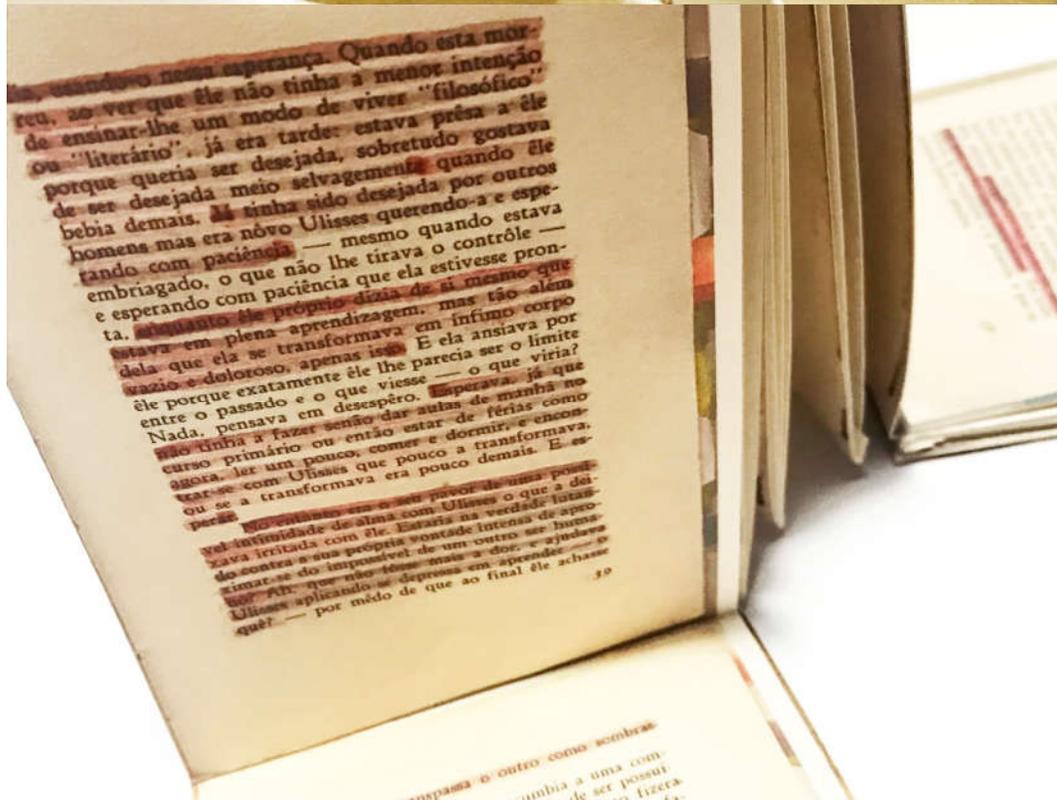
Fonte: PIRES, Belmiro. Capa, 1970

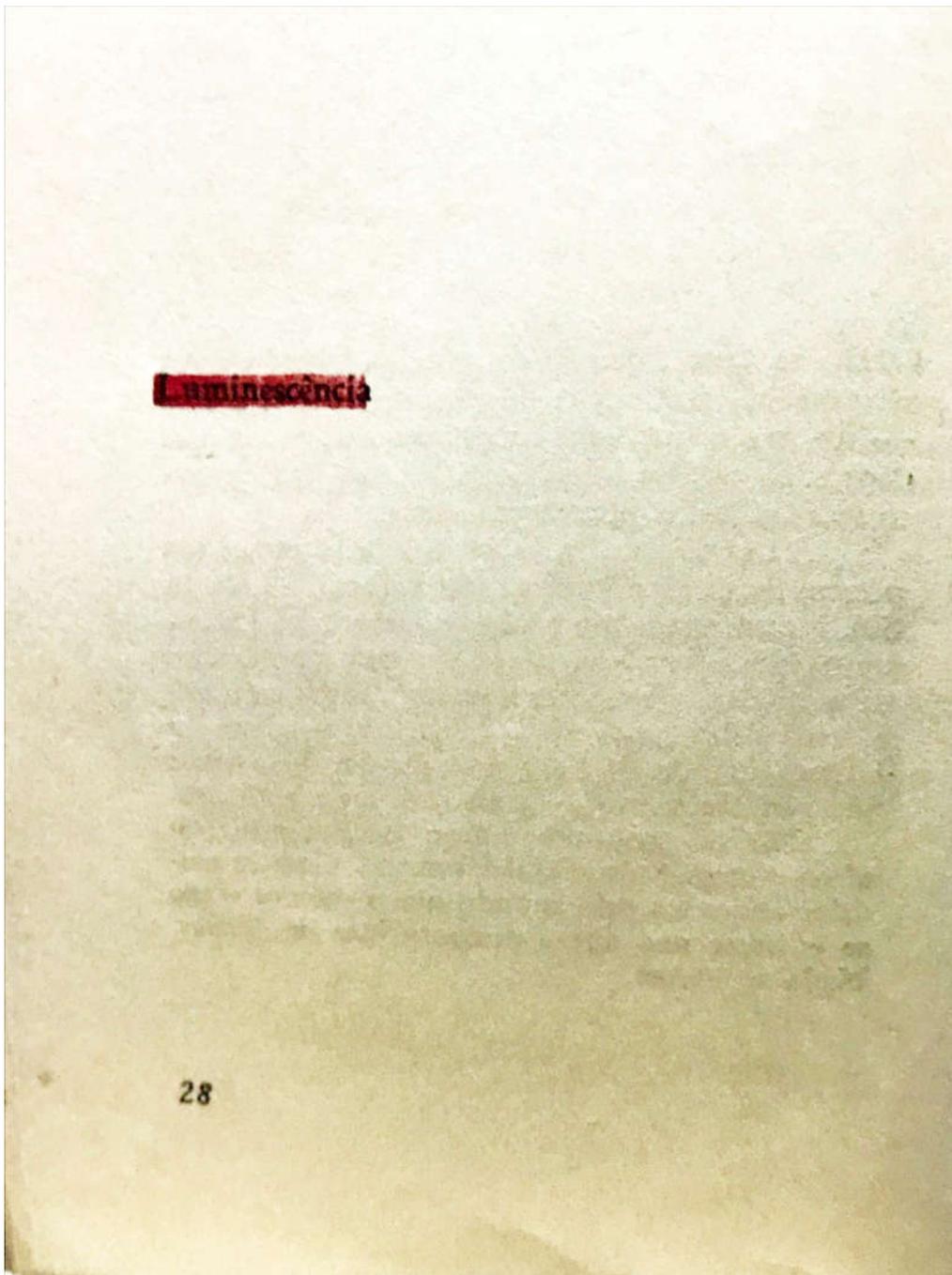
\* Acima, bricolagem feita com a capa e contracapa do livro *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*; abaixo, arte original da capa, contracapa e folha de rosto.

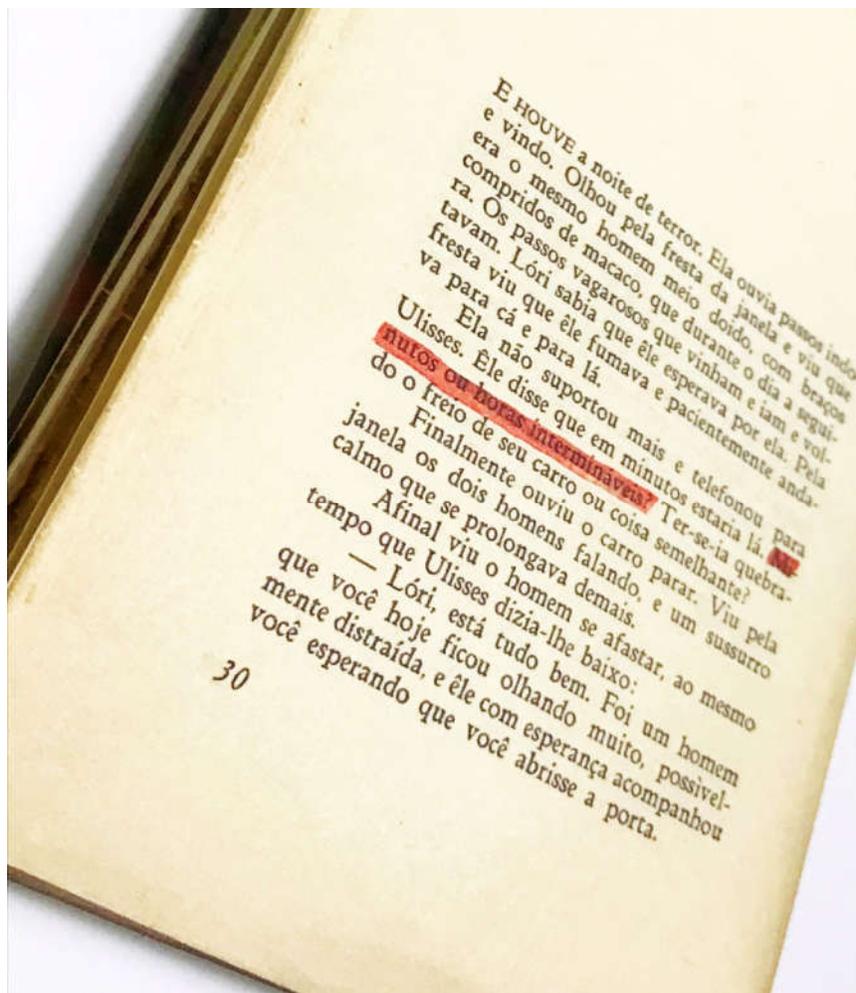
Figura 3 – “Todo livro é uma carta (III)”

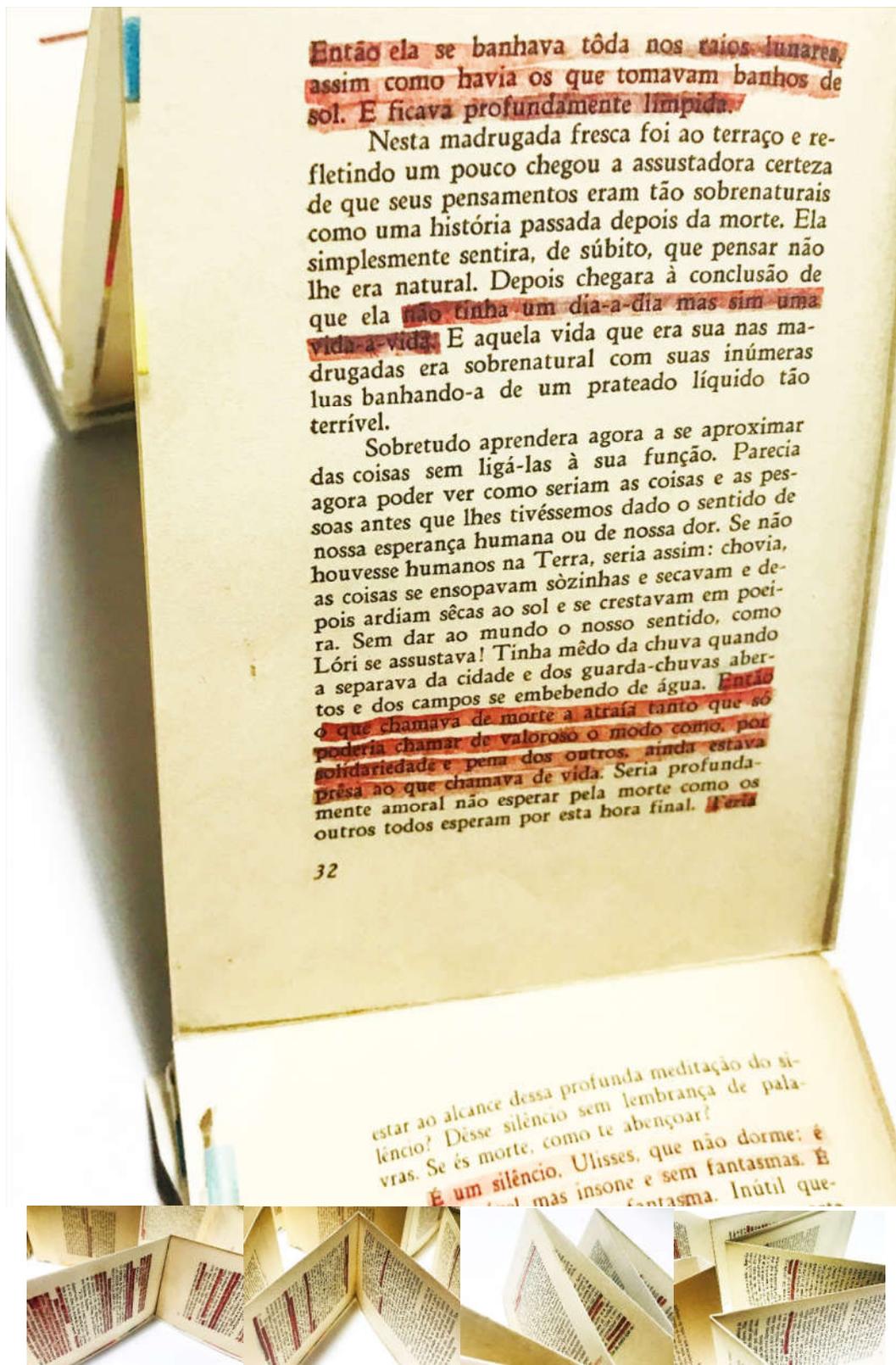


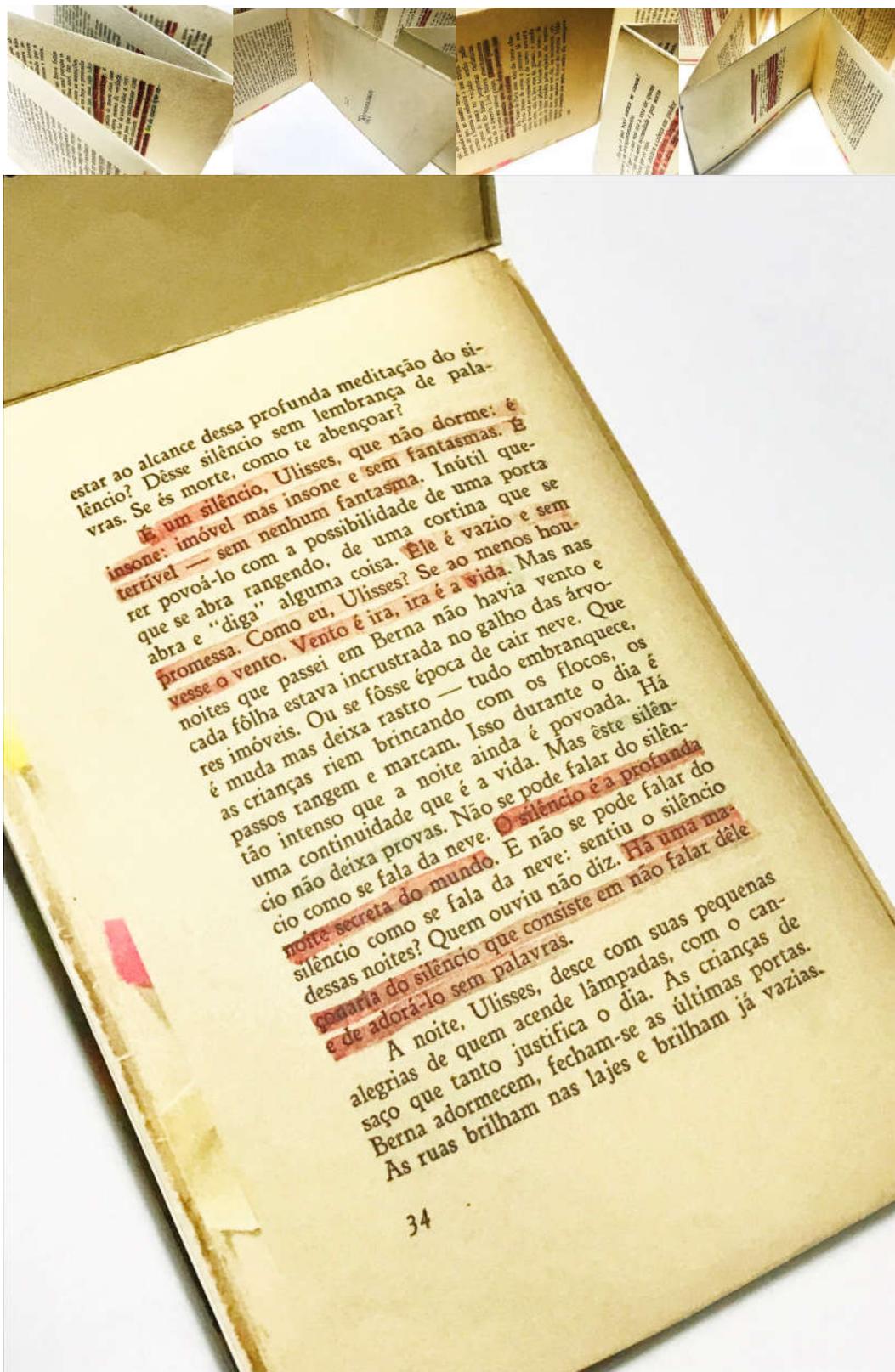


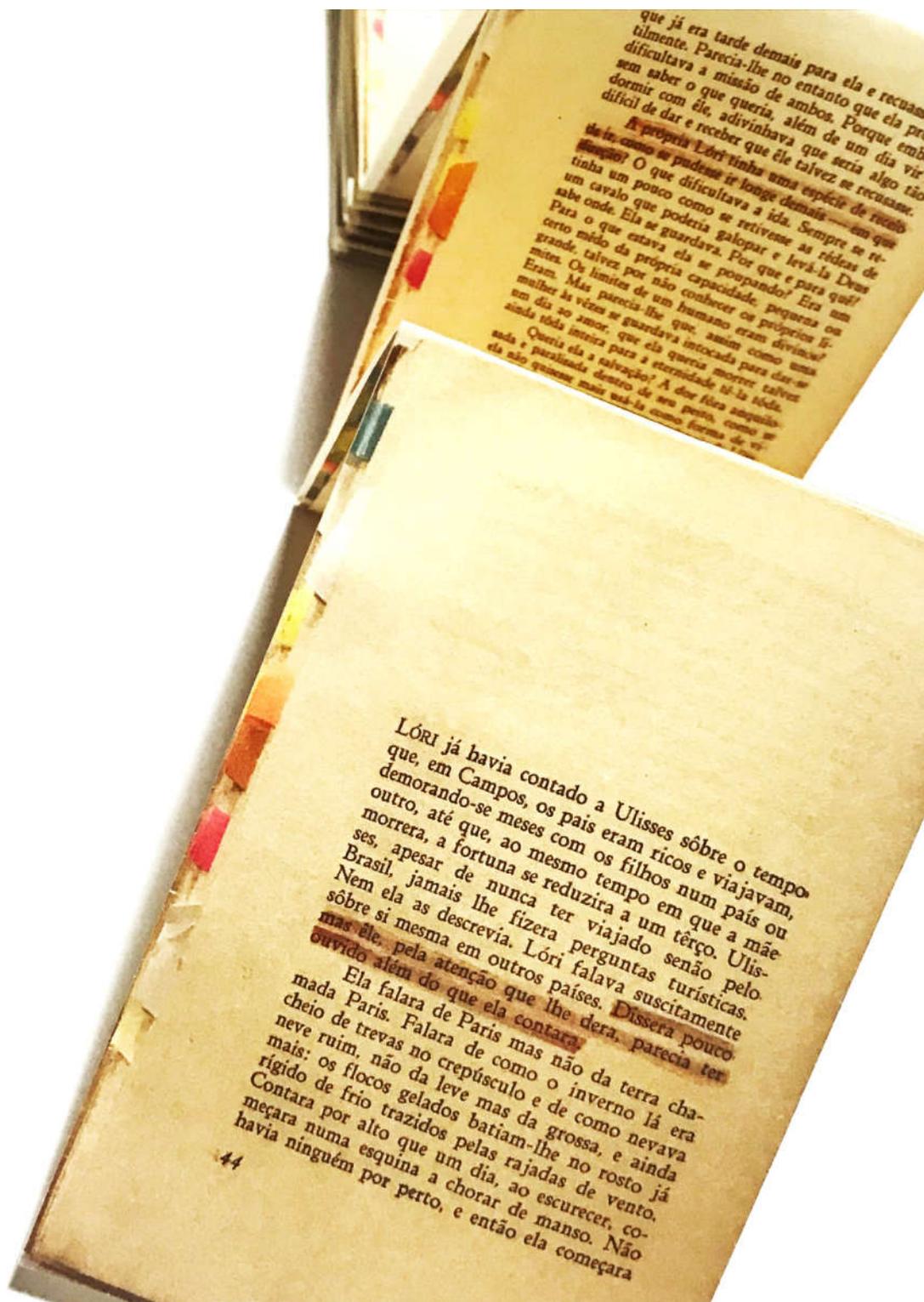












Fonte: LISPECTOR, Clarice (Texto); HERRANZ, Antonio (Diagramação); PIRES, Belmiro (Capa), 1970

\* Livro alterado da obra *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, com destaque das citações adulteradas neste ensaio.

## REFERÊNCIAS

DELEUZE, G. Carta a um crítico severo. *In*: DELEUZE, G. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010, p. 11-22. (Col. TRANS)

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Trad. Bento Prado Jr.; Alberto Alonso Muñoz. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010. (Col. TRANS)

HERRANZ, A. Diagramação da 2. ed. do livro **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres** de Clarice Lispector. Impressão sobre papel. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1970.

LISPECTOR, C. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. 2. ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1970. [Exemplar n. 2680]

PIRES, B. Capa da 2. ed. do livro **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres** de Clarice Lispector. Impressão sobre papel. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1970.

*Data de submissão: 10/06/2019*

*Data de aprovação: 08/08/2019*